

Mitos de metamorfose daqui e de lá: O monstro como metáfora do mal

Nasha de Queiroz Almeida
UFPA

Resumo: As narrativas de metamorfoses expõem punições e questões morais, oriundas do transtorno sofrido pelos sujeitos envolvidos. O estudo estabelece, numa abordagem comparativa, as relações entre a metamorfose do episódio da Antiguidade Clássica, registrado no canto X da *Odisseia* (VIEIRA, 2011), e a narrativa oral do bairro belenense do Jurunas (1994), a partir da figura maléfica do animal.

Palavras-chave: metamorfose; animal; mal.

1. Considerações Preliminares

Os casos de metamorfoses afloram em diversas mitologias como um processo de transformação física gerido por transtornos e sofrimentos tão marcantes que o agente-sujeito do processo é, geralmente, descrito como um monstro que, por sua vez, causa ou apenas sofre o mal. Para ilustrar isso, foram analisadas no presente estudo duas narrativas que tematizam os mitos de metamorfose.

A primeira narrativa apresentada no canto X, da *Odisseia*, registra o episódio em que a feiticeira Circe, com seus ardis, aprisiona os homens do herói Ulisses e os transforma em porcos. Tal referência marca na escrita o que outrora era fruto apenas do oral. O registro torna-se fundamentalmente importante, diante da necessidade de perpetuar por gerações produções textuais, sem que se corra o risco tão imanente da perda de informações de cunho etnográfico, literário, cultural, histórico, geográfico e sociológico das comunidades antecessoras, as quais apresentaram analogamente processos sociais semelhantes registrados em seus respectivos mitos.

A segunda narrativa catalogada no acervo IFNOPAP¹ é o registro de uma narrativa inventariada no bairro do Jurunas, em 1994, que versa sobre um homem urbano o qual se transforma em porco ao cair da noite, e se envolve em um incidente que o leva a delegacia. Ambas as narrativas, frutos de uma Literatura Oral por tradição, assumem nesta escritura o *status* de documento, pois já disse Luis Costa Lima:

[...] chamar algo de documento significa que se o toma como um instrumento que comprova a existência prévia de algo outro. [...] Segundo uma aproximação retificadora, dir-se-ia que esse algo comprovado pelo documento possui tal ordem de existência que esta existência se repete, se refaz e se reatualiza por efeito de sua prova. O documento então representaria o que teria plena existência antes dele e sem ele (LIMA, 1986. p. 197).

¹ O projeto IFNOPAP reúne, hoje, um acervo de mais de 5000 narrativas orais populares da Amazônia Paraense. Entre 1994 e 2004, a pesquisa IFNOPAP foi realizada, no Estado do Pará, atingindo 98 municípios, com a participação de cerca de 200 contadores de mais de 5300 histórias. Os dados levam à constatação de que se trata de um dos maiores acervos orais do mundo acadêmico, no gênero. Hoje, as narrativas digitalizadas transcritas totalizam 1.439, visto que parte do acervo originalmente coletado em áudio foi irremediavelmente prejudicada pelas condições climáticas da região, configurando-se a perda de parte deste material. As narrativas retiradas deste acervo e analisadas neste artigo são de origem unicamente da região metropolitana de Belém. Em pesquisa anterior, constatou-se que 20% das narrativas catalogadas no *campus* de Belém conformam o tema da metamorfose. E é a este *corpus* específico que se atém este trabalho.

Mesmo estas narrativas estando separadas pelo tempo e pelo espaço nos quais foram produzidas, uma comprova a experiência prévia da outra, pois o que se contou de alguma forma ‘se repetiu, se refez e se reatualizou’ em outro espaço e em outro tempo. Neste sentido, é bem apropriada a abordagem comparativa das duas produções literárias em questão, pois

o objeto tem de ser duplo, constituído que é por obras literárias geradas em contextos nacionais diferentes que são, no entanto, analisadas contrastivamente com o fim de ampliar tanto o horizonte limitado do conhecimento artístico, quanto a visão crítica das literaturas nacionais (SANTIAGO, 1982. p. 19).

Desta feita, o presente estudo visa não somente evidenciar as correlações e diferenças entre as metamorfoses do *corpus* narratológico, mas objetiva estabelecer as relações entre a metamorfose do episódio homérico grego e a metamorfose relatada que constitui o imaginário da Amazônia paraense, a partir da figura do monstro, enquanto agente causador/sofredor do mal.

2. Os monstros e o mal nas metamorfoses

Como traçar os rastros da marcante presença do mal nas narrativas de metamorfoses aqui abordadas? Paul Ricouer “diz que é possível torná-lo visível por meio de mitos e de símbolos”, mesmo não sendo estes totalmente capazes de representá-lo em sua inteireza.

A exemplo da mitologia grega, a narrativa homérica da *Odisseia*, no canto X, registra o momento em que a mítica Circe transforma os companheiros de Ulisses em porcos, sendo estes monstrificados aqui pelo fato de adquirirem corpos completamente incomuns a humanos, estando numa condição de “anormalidade” em relação a sua forma original, causando profunda estranheza; este, por sua vez, só retomam a forma humana por intermédio da intervenção do herói:

Ela não tardou a sair; abriu as luzidias portas e convidou-os. Todo grupo, em sua ignorância, seguiu-a; [...] Ela os fez entrar e sentar em divãs e cadeiras; preparou-lhes uma papa de queijo, cevada e pálido mel, com vinho de Pramnos; nessa comida misturou drogas daninhas, para tirar-lhes toda lembrança da terra pátria. Assim que lha serviu e eles a sorveram, bateu-lhes com a vara de condão e fechou-os em pocilgas. Tinham agora cabeça, voz, cerdas e corpos de suínos, embora conservassem a inteligência como antes[...] (HOMERO, 1994.p. 118).

Observa-se, nesse caso, o conceito de metamorfose bem latente: não se trata de uma transformação ou passagem integral e irrevogável de um estado a outro², ao contrário, trata-se de uma mudança física passageira e não total, pois a passagem acima revela que, por meio de um elemento mágico, apenas a anatomia dos companheiros de Ulisses sofreu a transformação para corpos de suínos, e não tiveram suas faculdades cognitivas alteradas, visto que ‘conservaram a inteligência como antes’. Tais modificações na forma não pareceram afetar as personalidades profundas, que em geral guardam o seu nome e seu psiquismo. De todo modo,

essas metamorfoses podem ter aspecto negativo ou positivo, dependendo de se elas representem uma recompensa ou um castigo e de acordo com as finalidades às quais obedecem (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2009, p. 608).

Na narrativa homérica, o cunho foi punitivo, visto que os homens de Ulisses não tiveram discernimento sobre as verdadeiras intenções de Circe, nos seus planos de deixar a todos sem “lembrança da terra pátria”; mostraram-se, portanto, ignorantes ao segui-la cegamente para a ardilosa refeição. O caráter punitivo e provador da cilada de Circe jaz no fato de que os homens de Ulisses estavam conscientes da mudança humilhante que ocorria em seus corpos físicos, pois, conforme o relato, não perderam a inteligência, isto é, suas faculdades cognitivas e sensoriais permaneceram intactas, a fim de que estivessem bem apercebidos do que lhes acontecia e impotentes em sua condição.

Ironicamente, Circe os transforma em porcos, animal este que, em muitas culturas, é símbolo das tendências obscuras, sob todas as suas formas, da ignorância, da gula, da luxúria e do egoísmo (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2009, p. 734). Comilões, os vorazes companheiros de Ulisses, viajantes de uma longa jornada, atenderam às suas necessidades mais primitivas, sem ponderar as finalidades da feiticeira por detrás daquele banquete, mostrando-se, portanto, estúpidos. Se fossem sagazes e perspicazes não teriam se desfeito nos prazeres da carne sedenta naquele banquete, e conseqüentemente, não virariam porcos. Este parece ser o mal mais enfatizado pela narrativa grega: o de serem rebaixados pelo uso não pleno de suas inteligências, a partir das metamorfoses induzidas por Circe.

² Com o fim de maiores esclarecimentos, “os fenômenos da metamorfose passageira devem ser nitidamente diferenciados dos da metempsicose propriamente dita, que é uma transmigração, uma passagem total e definitiva de um estado para outro.” (in CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Trad. Vera da Costa e Silva. 23ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009. p. 608).

Outro malefício identificado nessa narrativa diz respeito às referências a uma condição abjetal, na qual se encontravam os companheiros de Ulisses. Trata-se de uma condição repulsiva, pois foram subjugados pelos efeitos dos poderes de Circe e afastados ou diferenciados, por exemplo, de Ulisses, o herói, continuamente humano, que não se deixou levar por seus impulsos. Estas circunstâncias constituem a cena viva do que Julia Kristeva considera a dinâmica da abjeção: “Não é a falta de limpeza ou saúde que causa abjeção, mas o que perturba a identidade, o sistema, a ordem. O que não respeita limites, posições, regras. O ‘entre-dois’, o ambíguo, o compósito” (KRISTEVA, 1982. p.4).

Primordialmente, os homens animalizados não são repulsivos por terem esteticamente a forma física de suínos; são considerados desprezíveis por uma questão moralista, pois não foram capazes de respeitar seus próprios limites diante do banquete-armadilha, perturbando com isso sua própria identidade, pois mesmo tendo corpos de porcos, seus psiquismos foram conservados. Estavam cientes de seu erro e de sua incapacidade de: a) não conter suas vontades “incontroláveis”; b) não poder agir para retornar a sua forma humana anterior, pois estavam sujeitos a vontade das artes mágicas da feiticeira.

Trata-se, assim, da abjeção não do corpo metamorfoseado, e sim da obstrução do eu do sujeito pelo seu próprio comportamento e pela subjugação social do homem, conforme aponta o artigo “O papel do abjeto na literatura contemporânea e a obra de André Sant’anna: Um estudo de caso” (DIAS, 2007, p.27). Isso é notório na figura salvadora de Ulisses, que enquanto humano sábio, no que concerne ao uso salutar de suas faculdades cognitivas, foi capaz de salvar os homens animalizados. Portanto, cabe aqui a reflexão realizada por Homi Bhabha na formação deste sujeito nos “entre-lugares”, que é destacadamente válido para o metamorfoseado por estar em uma condição sempre limite:

De que modo chegam a ser formuladas estratégias de representação ou aquisição de poder no interior das pretensões concorrentes de comunidades em que, apesar de histórias comuns de privação e discriminação, o intercâmbio de valores, significados e prioridades pode nem sempre ser colaborativo e dialógico, podendo ser profundamente antagônico, conflituoso e até incomensurável? (BHABHA,1998. p.20).

No caso da narrativa acima mencionada, o mito da metamorfose serviria como uma explicação, caso os companheiros de Ulisses não conseguissem retornar à sua terra pela falta da lembrança do lugar de origem, conforme intencionava a feiticeira, bem como desmoraliza os homens de Odisseu por não terem tido discernimento diante da armadilha, exaltando a figura do herói.

Porém, uma representação ainda mais latente é aquela que versa sobre o mal no processo de monstrificação da narrativa. Na narrativa homérica, “o mal é cometido, mas também é sofrido, e, como sofrimento, é a essência dos seres vivos. [...] O sofrimento afunda o mundo, nos embrutece, nos priva da capacidade de expressão, nos torna meros objetos, detritos numa terra devastada” (JEHA, 2007, p. 9). O sofrimento gerado aos homens de Ulisses é comum a todos aqueles aprisionados a uma condição anuladora de sua livre expressão, diante da desagradável e desconfortável sujeição a que foram destinados.

Analogamente, este sofrimento por um mal gerador da impossibilidade de mudança diante de uma situação desagradável também é recorrentemente ilustrado em narrativas orais da Amazônia paraense, as quais conformam estas condições desagradáveis no processo de monstrificação das metamorfoses. Na narrativa da Amazônia paraense intitulada *Amâncio, o porco*³, por exemplo, o enredo versa sobre um homem trabalhador braçal de um frigorífico, o qual é revelado pelos mistérios da noite como alguém metamorfoseado:

Amâncio, o porco

“como é que tu tens coragem de batê, na cabeça do seu Amâncio?”

Essa história do porco é uma história conhecida, dos antigos moradores do Jurunas

Quem contou né, foi minha avó, ela conta o seguinte: Que no [Jurunas] ela trabalhava com um [marchante] num supermercado de carne, então tinha um tal de Zé Carlos lá, que ele trabalhava com um carregador de carne que chegava lá, nos frigoríficos, aí diziam que ele se transformava em porco. Quando foi uma vez, uma madrugada, o meu avô, ele vinha pela rua de Pariquis, também é antiga ainda tinha bonde, ele passou pela prefeitura.... prefeitura não desculpa, pela delegacia de policia, policial do Jurunas aquela época, e um porco saiu dentro do mato, dos matagais avançou nele, um porco bem feroz mesmo, aí ele pega, um pau na hora, uma estaca, bate no porco na cabeça do porco, abri uma brecha o porco sai gritando, por dentro do mato, volta, ao mato.

Quando foi pela parte da manhã, a policia, o delegado, o investigador foi lá na casa da minha avó, [...] açougueira, uma mulher no bairro açougueira é conhecidíssima, e meu avó também que ele era oficial de justiça...o investigador chegou lá com o delegado e....disse pra minha avó:

- Dona Lisia, seu Benedito tá aí? Gostaria de falar com ele um instantinho!

³ Narrativa retirada do acervo IFNOPAP, código de localização KN02CZjur190994-III.

- Olha ele tá dormindo, tá de folga hoje, o que era?

Aí foi, meu avô se acordou, tudo, aí disse pro investigador, do que era que se tratava, aí o delegado disse pra ele:

- Mas Benedito, como é que tu tens coragem de bater na cabeça do seu Amâncio?

Aí meu avô, ficou surpreso, com aquilo sabe?

- Eu bati no seu Amâncio! Jamais, seu Amâncio é um senhor que ajuda minha esposa, [com descarregamento de carne] porquê eu ia bater nele? É meu amigo, amigo da minha esposa. Que história é essa?

- Olha Benedito, ele [tá alegando], ele foi na delegacia, alegando que foi de madrugada, que tu encontrasse com ele, ele tava porre te pedindo dinheiro, tu desse umas tacada na cabeça dele!

Ele disse:

- Olha delegado, tu não vai acreditar no que eu vou te contar, mas a única coisa que eu dei umas tacada na cabeça foi de um porco...então todo mundo diz que ele vira porco, agora eu num quero crê, no que eu dei, fosse um porco realmente.

Então ficou esclarecido, né? Ele tava realmente com uma brecha na cabeça, sabe? Então até hoje, o pessoal dizem que ele virava porco.

O tema da metamorfose é trabalhado nesta narrativa desde o seu início como algo natural dentro de sua peculiaridade, pois para além do fato de ser uma história recorrente no bairro belenense do Jurunas, o próprio personagem, o senhor Amâncio, recorre a outros personagens marcadores de um espaço extremamente citadino e que revela outra relação social, diferente da estabelecida na Grécia clássica, tornando a narrativa altamente reatualizada conforme a vivência de quem narra: o elo entre o policial, o investigador e o delegado.

Trata-se, antes de qualquer coisa, de um cidadão (*civita*) atento ao cumprimento de seus direitos na *polis*, pois até o homem que virava porco exigiu a chamada de seus direitos sobre um ato que considerou uma violência ao seu corpo metamorfoseado, recaindo no tripé que norteia a construção do conceito de cidade: a política, qual arte do convívio; a polícia, enquanto zeladora da vigilância dos costumes e comportamentos; e *politesse*, como a atmosfera de sociabilidade, polidez e decoro (PECHMAN, 1997, p.13). O senhor Amâncio reivindicou, portanto, a mantenedora ordem deste tripé da cidade, por mais incomum que se mostrassem os efeitos da metamorfose de seu corpo.

Contudo, nosso personagem não parece constrangido e muito menos satisfeito por revelar à polícia a agressão que sofreu, mesmo correndo o risco de ter seu segredo sobre a metamorfose revelado, como sucedeu. Antes, via sua transformação como algo natural, tal como a extensão de seu corpo humano, sendo por isso que Amâncio entendeu como uma agressão a ação

inadvertida de seu conhecido, fazendo com que o metamorfo procurasse ainda assim seus direitos como cidadão. Neste caso, bem apropriada é a reflexão feita por Jeha sobre “o que é, então, o mal? Devemos transferi-lo do nosso lado impuro, para o nosso lado puro, transformando-o em sofrimento” (JEHA, 2007, p.11).

Este foi o exercício realizado pelo senhor Amâncio, pois a violência sofrida quando estava transformado no lado impuro de seu corpo metamorfoseado e alcovitado pelos mistérios da noite, foi reivindicada com pesar pelo seu lado puro, humano. Logo, o que é a própria representação do mal, neste caso, não é diretamente o corpo que foi transformado e punido pela metamorfose; antes, é aqui significado pela circunstância violência sofrida pelo porco, independentemente deste animal ter caráter *animalia* nato, por ser um porco naturalmente ou *estar* na condição de porco e ter caráter humanoide, situação última oportunizada pelo acontecimento da metamorfose. O mal está presente na violência que sofreu por ter sido espancado por um homem com um pedaço de madeira: O senhor Amâncio foi vítima de violência, o que independe, na narrativa, de seu estado físico. Assim, a narrativa iguala ou nivela a violência sofrida por um homem e/ou aquela sofrida por um animal, tendo o ato o mesmo peso e a mesma medida para o agente vitimado.

Já no episódio homérico de Circe ainda é mostrado o homem à mercê do poder dos deuses e que só se torna livrado de algum efeito danoso, caso apele a outros deuses ou à sua própria sapiência diante de uma situação-limite, atitude nobre esta que consagra a imagem do herói. Observa-se, portanto, as leis diferenciadas regentes das relações dos homens através dos tempos, e que um mesmo tema mítico assume a cor local na cronologia, a partir do estabelecimento de relações sociais outras.

Em relação à ação da metamorfose em si sobre o corpo do senhor Amâncio, algo semelhante aconteceu no episódio homérico entre Circe e os tripulantes: ambos não perderam a consciência, nem suas faculdades cognitivas por ocasião da metamorfose. Isso se comprova pelo fato de o senhor Amâncio, com propriedade, registrar sua queixa, formalmente, na delegacia sobre a violência de que fora vítima, cuidando, inclusive de ocultar e mentir um dado fundamental na ocorrência: o de que era um porco e não estava bêbado, como falou às autoridades.

O homem só foi revelado porco pela coincidência de versões sobre a mesma história, que pareceu complementar-se.

O senhor Amâncio é a representação do homem em um novo senso, em uma nova relação de si mesmo com a natureza. Ele procura reconciliar o exercício da humanidade à sua natureza animália no devir da transformação;

fala-se aqui de um “homem ressensualizado” no sentido de que este reencontra e reconcilia na narrativa sua consciência em relação às coisas.

Tanto Ulisses, que não sofreu a metamorfose, mas que se viu envolvido no embate da transformação de seus tripulantes, quanto Amâncio que sofreu metamorfose, trataram de reincorporar a dimensão da afetividade no pensamento, pois quando diante do processo de mutação cada um, ao seu modo, procurou vencer um estado não natural pela racionalidade. Entretanto, a vitória da razão (dotada de uma racionalidade que funciona sobre regras de ferro, isto é, pelo constrangimento, pela força, tal qual o pensamento mítico) sobre o mito representa a tarefa histórica de deixar os instintos sob o controle do tribunal competente da razão instrumental, ou melhor, da razão dominadora: Amâncio, quando homem, buscou meios jurídicos para reivindicar seus direitos, mesmo que tenha sofrido a transgressão quando era ou estava porco; e Ulisses, por ser o único apto física e cognitivamente para desfazer os efeitos subjulgadores da metamorfose em seus companheiros.

De todo modo, em ambos os casos de metamorfose, os mitos confirmam o que Theodor Adorno e Max Horkheimer refletem sobre a existência dos homens como seres que projetam os mitos para atender aos seus questionamentos pessoais e universais, mas que ao mesmo tempo,

sempre tiveram de escolher entre submeter-se à natureza ou submeter a natureza ao eu. [...] Forçado pela dominação, o trabalho humano tendeu sempre a se afastar do mito, voltando a cair sob o seu influxo, levado pela dominação (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 43).

Diante do mal, Ulisses e Amâncio participaram de metamorfoses enquanto processo que “nos caracteriza como respondendo inadvertidamente às ameaças a nossa auto-identidade” (JEHA, 2007, p. 13).

3. Considerações Finais

Observou-se, portanto, que em ambos os episódios, as metamorfoses apresentaram questões de fundo moralizante e algum efeito nocivo ao agente metamorfoseado, sendo estas consequências derivações do mal causado, mal este entendido aqui como o sofrimento sentido pelo sujeito metamorfoseado em razão de sua condição de abjeto, de objeto ou enquanto pessoa humana privada de expressão.

Além disso, por serem desdobramentos míticos, nos casos aqui analisados jazem parâmetros de afinidades e de concorrência que: 1) mostram o quanto as narrativas de caráter mítico podem se reatualizar incessantemente pela palavra; 2) ilustram bem como as sociedades estão ordenadas e regidas

por forças hierárquicas, quer sejam representadas por uma ordem natural humana, quer seja via uma ordem sobrenatural; 3) aproximam os homens de culturas diversas pelos interesses, comportamentos, buscas e receios.

Além de tentar explorar as (in)compatibilidades e o jogo de imaginação mítica nas narrativas, o presente artigo apontou para a necessidade que temos de que “como criaturas literárias e animais políticos, devemos nos preocupar com a compreensão da ação humana e do mundo social como um momento em que *algo está fora do controle, mas não fora da possibilidade de organização*” (BHABHA, 1998, p. 34).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor, HORKHEIMER, Max. (1985). *Dialética do esclarecimento: Fragmentos filosóficos*. 2 ed. Tradução Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar.
- BHABHA, Homi. (1998). “Locais da cultura”. In: *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG.
- CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain. (2009). *Dicionário de símbolos: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Trad. Vera da Costa e Silva. 23ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio.
- DIAS, Angela Maria. (2007). *O papel do abjeto na literatura contemporânea e a obra de André Sant’anna: Um estudo de caso*. In: revista eletrônica do Instituto de Humanidades XXII. Vol VI. Nº XXII.
- HOMERO. (2011). *Odisseia*. Tradução Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34.
- JEHA, Julio. (2007). *Monstros e monstruosidades na literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- KRISTEVA, Julia. (1982) *Powers of horror an essay on abjection*. Translated by Leon S. Roudiez. New York, Columbia University Press.
- LIMA, Luis Costa. (1986). “Documento e ficção”. In: *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- PECHMAN, Robert. (1997). “Pedra, cidade e discurso: Cidade, história e literatura”. In: *Gêneros de fronteira: Cruzamentos entre o histórico e o literário*. São Paulo. Xamã.
- SANTIAGO, Silviano. (1982). “Apesar de dependente, universal”. In: *Vale quanto pesa: Ensaios sobre questões político-culturais*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- SCHOLÉS, Robert & KELLOGG, Robert. (1977). *A natureza da narrativa*. Rio de Janeiro: MCGrallHill.